

# *Da roça para cidade: representações de gênero sobre as mulheres teuto-sul-rio-grandenses na passagem do século XIX para o século XX\**

DANIEL LUCIANO GEVEHR<sup>\*1</sup>

Faculdades Integradas De Taquara

MARLISE REGINA MEYRER<sup>\*2</sup>

Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** O artigo estuda o processo de produção de representações sobre as mulheres teuto-rio-grandenses na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, na passagem do século XIX para o século XX. Partimos da representação construída sobre Jacobina Mentz Maurer – considerada a líder dos Mucker – como modelo a não ser seguido pelas mulheres e em seguida analisamos como se produziram representações sobre o modelo ideal de mulheres teuto-rio-grandenses – *aburguesadas* e inseridas num contexto de industrialização e urbanização – no início do século XX. Discutimos o processo de articulação presente nessa construção de modelos femininos, que acompanharam as transformações da Colônia, através de uma escola interna feminina alemã, criada no final do século XIX – a *Evangelisches Stift* – no atual município de Novo Hamburgo (RS) e que se destinava a formar as “moças das melhores famílias.”

**Palavras-chave:** Mulheres teuto-rio-grandenses; Imigração alemã; Representação.

**Abstract:** This article studies the representation building process on the german-rio-grandense women in the former german colony of São Leopoldo, in the late nineteenth century to the twentieth century. We start from the representation built on Jacobina Mentz Maurer – considered the leader of the Mucker – as a model not to be followed by the women, and then analyze how the ideal model for german-rio-grandense women representations were constructed - bourgeoisie values and inserted in a context of industrialization and urbanization – in the early twentieth century. We discuss the articulation process present in this female role model construction, which accompanied the transformations of the colony, through a German women’s boarding school, created in the late nineteenth century – *the Evangelisches Stift* – in the current county of Novo Hamburgo (RS), and intended to raise the “girls of the best families.”

**Keywords:** German-rio-grandense; German immigration; Representation.

---

\* Recebido em 14 de março de 2016 e aprovado para publicação em 02 de agosto de 2016.

<sup>\*1</sup> Doutor em História e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FACCAT - Taquara (RS). E-mail: [danielgevehr@hotmail.com](mailto:danielgevehr@hotmail.com).

<sup>\*2</sup> Doutora em História e professora do Programa de Pós-Graduação em História da UPF - Passo Fundo (RS). E-mail: [meyrer\\_nh@hotmail.com](mailto:meyrer_nh@hotmail.com).

## Considerações iniciais

O estudo tem como recorte espacial a região de imigração alemã do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. Entretanto, a imigração alemã não se constitui na temática central desta análise, ainda que essa atravesse a discussão de forma intrínseca, ela é um dos elementos identitários na caracterização do grupo estudado e, portanto, fundamental para o entendimento das problemáticas levantadas.

Partimos do pressuposto de que a historiografia que estuda esse espaço geográfico e a sociedade que nele se desenvolveu, a partir do século XIX, tem enfatizado os imigrantes alemães e seus descendentes de forma única, dando pouca atenção às diferenças – e *especificidades* – no interior do grupo. Isso despertou nosso interesse em identificar algumas dessas diferenças, dentre as quais, as que dizem respeito aos papéis atribuídos para o gênero feminino, no contexto da zona de imigração alemã. Nesse sentido, nosso propósito é estudar as *representações construídas e difundidas sobre as mulheres* (PERROT, 2005) na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, buscando identificar e discutir as diferenças sociais presentes nesse grupo que, mesmo compartilhando uma mesma *identidade de gênero* e também *étnica*, reunia realidades sociais e culturais distintas.

Buscamos, por meio dos recortes aqui delimitados, compreender o processo de distinção social e cultural dentro do universo feminino teuto-sul-rio-grandense, bem como a produção dos elementos simbólicos dessa distinção, que, em última análise, constitui-se na luta pela imposição de uma determinada visão de mundo, uma luta que se traduz tanto simbolicamente quanto na experiência cotidiana. Nessa perspectiva de análise é que procuramos discutir as noções de identidade étnica e de gênero inseridas nas relações de poder que se estabelecem na dinâmica de funcionamento desse grupo constituído por mulheres de origem germânica.

Nessa perspectiva, encontramos historiadores clássicos dessa sociedade teuta, como Willems (1980) e Roche (1969), que dedicaram poucas linhas em suas obras ao gênero feminino, nas quais transparece uma imagem da mulher “colona”, em contraste com a “lusa”. Destacam, entre outras, a capacidade de trabalho da “colona”, a sua maior liberdade

de movimentação social e a sua participação nas decisões econômicas da família.

Um espaço maior para a questão de gênero na imigração alemã destinou Amado (1978), em seu estudo sobre os Mucker e sobre sua líder Jacobina. As obras referendam, portanto, a representação estereotipada da mulher da sociedade teuto-sul-rio-grandense, valorizando características tidas como essencialmente ligadas às mulheres da região de colonização alemã no Rio Grande do Sul, tais como: *trabalho, maternidade, papel econômico* no meio rural e, acima de tudo, *responsabilidade pela organização doméstica e familiar*.

Sobre a mesma temática, Gevehr (2007) analisa a dinâmica que envolve a produção das imagens e representações sobre a líder dos Mucker. O autor valeu-se da discussão dos diferentes veículos de produção de uma memória sobre Jacobina - desde o final do século XIX até o início do século XXI, quando ela teve sua imagem glorificada pelo cinema, com a Paixão de Jacobina. Entre os trabalhos que tratam especificamente desta temática, destacamos Magalhães (1993) e Bonow (1996), que analisam a construção da imagem da mulher alemã através da imprensa teuto-brasileira e Renaux (1995), que analisa o papel da mulher teuto-brasileira no Vale do Itajaí.

Nenhum desses trabalhos, entretanto, tratou das diferenças no interior do grupo feminino. Embora os autores como Roche (1969), Wilhems (1980) e Gevehr (2007), enfatizem a mulher “colona” e Renaux (1995) e Magalhães (1993) tratem da mulher “burguesa”, as diferenças socioculturais não foram evidenciadas. É nesse sentido, buscando compreender a heterogeneidade do segmento em questão, que direcionamos nossa análise, ou seja, identificar as diferenças que separavam as mulheres *teuto-sul-rio-grandenses*, cujos espaços eram à roça, daquelas destinadas à “sala de visitas”, não desconsiderando, entretanto, os outros elementos desta identidade. Assim, *gênero, etnia, religião e classe social* perpassam esse universo feminino, sendo componentes importantes na *construção simbólica da distinção* (PERROT, 2005, p. 253).

De um lado, buscamos entender como esses dois universos femininos teuto-sul-rio-grandenses – *o rural e o urbano* – constituíram-se e,

de outro, como eles foram representados. Foram essas representações que, em última análise, atribuíram uma gama de sentidos ao grupo em questão, definindo-o por sinais ora positivos, ora negativos (PERROT, 2005). Em outras palavras, essas representações acabaram definindo as condutas consideradas corretas e as que deveriam ser extirpadas do meio social.

Ambos modelos revelam a multiplicidade de identidades que se articulam na composição de um espaço social, atuando como uma espécie de capital que adquire maior ou menor valor conforme o contexto histórico, o meio e o grupo de pertencimento. Num primeiro momento atentamos para o processo de construção de representações sobre a líder dos Mucker, ainda no contexto do século XIX. Ou seja, para o modo como essas representações foram utilizadas como modelo negativo em oposição ao modelo ideal de mulher-teuto-sul-rio-grandense desejado. Jacobina passou a representar no imaginário local da época, o modelo derrotado e não “civilizado”. Jacobina foi perseguida por suas práticas religiosas e morais condenáveis no morro Ferrabraz, localizado no atual município de Sapiranga e que, no século XIX, era onde se localizava a residência do casal Maurer. O local também serviu para a celebração dos cultos de Jacobina e para as práticas de curandeirismo de seu marido. Conforme veremos, tanto Jacobina, quanto as demais mulheres de origem germânica, foram alvos de manipulação simbólica, prevalecendo a perspectiva do antagonismo, que fica evidenciada à medida que analisamos as imagens e representações produzidas e difundidas sobre ambas.

Num segundo momento, discutimos o processo de construção de representações sobre as mulheres teuto-sul-rio-grandenses, a partir de uma escola feminina alemã em regime de internato, que funcionava desde o final do século XIX na localidade de *Hamburger-Berg*,<sup>1</sup> com o nome de *Evangelisches Stift*, atualmente conhecida como “Fundação Evangélica”. O trabalho atém-se, especialmente, à documentação do período entre 1886 e 1927. As fontes relativas a essa instituição revelaram, no que diz respeito

---

<sup>1</sup> Hamburger-Berg, posteriormente denominado “Hamburgo Velho”, foi a localidade onde se iniciou a povoação que deu origem ao município de Novo Hamburgo, instituído como tal em 1927.

ao seu público-alvo, uma figura feminina diferente daquela caracterizada como “colona” – representação diretamente associada à Jacobina – na historiografia clássica sobre imigração alemã.

Para tal, levamos em consideração elementos étnicos, sociais, culturais, religiosos e de gênero. Em seguida, tratamos da formação das alunas, analisando especificamente o currículo da *Evangelisches Stift* no período estudado e as técnicas disciplinares adotadas. Por fim, procura estabelecer a relação entre um público específico e o modelo educacional proposto na instituição, que se propunha a formar moças para o casamento e para o convívio do espaço urbano que se desenhava com o desenvolvimento da industrialização e da urbanização no Vale dos Sinos nas primeiras décadas do século XX. Nesse contexto, a presença da mulher colona, ligada ao espaço do campo, convive com a presença do novo ideal de mulher, urbana e escolarizada.<sup>2</sup> Todavia, o segundo modelo se impunha como uma necessidade do novo modelo de sociedade que se organizava a partir do começo do século XX, contribuindo para que a imagem da primeira, progressivamente, não tivesse mais visibilidade social,<sup>3</sup> sendo necessário definir demarcadores identitários que reforcem a identidade do novo grupo social, que, entretanto, compartilham de outras identidades, como a étnica, de gênero e/ou religiosa. Lembramos nesse sentido, que as identidades se definem sempre a partir das diferenças em relação ao outro.

Cabe ressaltar ainda que, as mulheres aqui estudadas, constituem-se em um novo campo da historiografia da imigração no Sul do Brasil, ainda pouco explorado pelos meandros da história. Embora a História das Mulheres tenha proliferado nos últimos trinta ou quarenta anos, as relações entre gênero e outros elementos que compõem essa identidade ainda são recentes. Ao privilegiar grupos e espaços até pouco tempo não contemplados pelos historiadores, chamamos atenção para o caráter

---

<sup>2</sup> Nem todas as mulheres do espaço urbano, que então se consolidava, eram escolarizadas, sendo que muitas foram trabalhar nas recém-criadas indústrias. Essas, em geral, provinham do meio rural e, em geral, mantiveram por muito tempo os valores desse universo.

<sup>3</sup> Roche (1969) afirma que na sociedade formada pelas primeiras gerações imigrantes, as mulheres tinham uma maior independência e importância social, na medida em que eram produtoras e, ao mesmo tempo, geradoras (literalmente) de mão de obra.

múltiplo – e dinâmico – da identidade, que nunca é única, mas resultado de diferentes elementos presentes na sociedade que a produz.

### **Jacobina, aquilo que as mulheres teuto-rio-grandenses não deveriam ser**

Iniciamos a discussão sobre o processo de construção de representações sobre Jacobina Mentz Maurer, trazendo, ainda que brevemente, uma pequena retrospectiva sobre o movimento Mucker (1868-1874), ocorrido na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo (RS). O conflito foi marcado pela oposição entre colonos alemães e seus descendentes. Ao pé do morro Ferrabraz nasceu um grupo de colonos liderados por Jacobina, que desempenhou o papel de líder religiosa do grupo, despertando com isso a oposição da maioria dos moradores e das autoridades da Colônia Alemã. O conflito tem seu desfecho em 1874, com a ação vitoriosa das forças imperiais, que dizimaram a maior parte do grupo, entre eles a própria Jacobina. Tendo como referência a atuação de Jacobina no conflito, nos propomos a investigar como se deu a produção de uma memória sobre ela, no período logo após o desfecho do conflito, em 1874, e como essa memória está diretamente associada a difusão das narrativas do padre jesuíta alemão Ambrósio Schupp, que chegou na região no mesmo ano.

Sobre Jacobina – e principalmente sobre sua atuação no conflito - pouco sabemos, uma vez que as fontes às quais temos acesso falavam apenas de um lado da história, ou seja, daqueles que lutaram contra Jacobina. Dessa forma, as primeiras representações difundidas sobre ela reproduziram um imaginário associado ao fanatismo religioso e o desregramento moral. Nesse processo, a obra de Schupp desempenhou papel fundamental. As características físicas de Jacobina<sup>4</sup> são bastante imprecisas, em razão de

---

<sup>4</sup> Em relação a ela, sabe-se que nasceu em data desconhecida do mês de junho de 1842, na localidade de Hamburgo Velho, atual município de Novo Hamburgo – RS. Era filha do casal de imigrantes alemães, André Mentz e Maria Elisabeth Muller, que, além de Jacobina, possuíam mais 7 filhos. Jacobina foi confirmada em 04 de abril de 1854 na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil de Hamburgo Velho, onde viria a se casar com João Jorge Maurer. Foi assassinada em 02 de agosto de 1874, quando foi descoberta, pelas

não termos qualquer retrato seu, o que torna sua personagem ainda mais enigmática, despertando o imaginário da população acerca de como seria a imagem real da líder dos Mucker. Jacobina quando criança teve sérias dificuldades na escola, não tendo conseguido aprender a ler e escrever.<sup>5</sup> Segundo os diagnósticos do Dr. João Daniel Hillebrand, Jacobina apresentava, desde criança, sinais de transtornos nervosos que haviam se agravado em sua fase adulta, quando iniciou a leitura e interpretação da Bíblia. Segundo o médico, esses transtornos teriam provocado uma verdadeira mania religiosa e sonambulismo espontâneo.

Hillebrand apontava seu marido, João Jorge Maurer, como o responsável pela doença da mulher, já que, segundo seu entendimento, ele a obrigava a praticar charlatanismo. Além disso, João Jorge Maurer era descrito pela maioria das pessoas de sua época como alguém que não gostava de trabalhar. Agricultor e marceneiro de profissão, Maurer tinha aprendido a manipular ervas medicinais, que eram empregadas no preparo de chás e remédios para a cura de várias doenças que assolavam os colonos. A denominação de “Doutor Maravilhoso” surgiu entre as pessoas que nele procuravam ajuda e acabou se tornando bastante conhecida na colônia. Foi, portanto, em torno de Jacobina e João Jorge Maurer que se deu a organização do grupo dos Mucker.

Para melhor compreendermos o papel desempenhado por Ambrósio Schupp na difusão de imagens e representações sobre Jacobina, se faz necessário, inicialmente, avaliarmos a publicação de outros escritos que se faziam presentes nesse contexto. Esses diferentes escritos nos permitem entender como o pensamento de Schupp em relação à Jacobina encontrava adeptos em seu tempo. Consequentemente, essas publicações acabaram

---

forças oficiais, em seu esconderijo na mata fechada, ao pé do morro Ferrabraz. A única fotografia que representaria Jacobina é aquela atribuída ao casal Maurer, cuja autenticidade é amplamente questionada.

<sup>5</sup> Jacobina aprendeu a ler em alemão, já adulta, com o professor Hardes Fleck, sobre quem pouco sabemos. Jacobina nunca aprendeu a escrever, nem a falar em português. Embora Jacobina seja apresentada na historiografia como analfabeta – com o propósito de diminuir suas qualidades intelectuais – devemos repensar essa afirmação, tendo em vista o fato de que lia a Bíblia e cantava os hinos em alemão.

desempenhando papel preponderante na difusão de um determinado imaginário (CARVALHO, 1990) sobre a líder dos Mucker. Nesse contexto, os escritos que certamente influenciaram de forma profunda o imaginário social que se construiu sobre Jacobina, foram aqueles publicados por Karl Von Koseritz que, entre outros atributos, era representante de certa intelectualidade teuto-brasileira, comprometido com a difusão do *Deutschtum*, uma espécie de conjunto dos valores da cultura germânica cultivado pela emergente elite econômica e política dos imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil. Através de suas narrativas, Koseritz procurou divulgar suas próprias interpretações sobre os Mucker e, de forma mais evidente, sobre Jacobina, desempenhando assim um papel de “testemunha ocular” da história. Suas versões pretendiam imprimir uma noção de verdade em seus leitores.

Na publicação do artigo “A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma Contribuição para a história da cultura da germanidade daqui”, de 1875, encontramos a primeira imagem idealizada de Jacobina. Publicado por Carlos Von Koseritz em seu “Koseritz Kalender”, o artigo procurava alertar as pessoas para os fatos que ocorriam, consistindo num “ato de denúncia” em relação ao grupo que se organizava no Ferrabraz. Para Koseritz, o movimento não se enquadrava na realidade da colônia alemã de São Leopoldo, o que justificava a denúncia: “estes fatos lançam luz terrível sobre nosso progresso e que são motivo das mais sérias preocupações para o futuro” (VON KOSERITZ, 1875, p. 1).

Apresentando os Mucker como fanáticos religiosos e avessos aos avanços da ciência, Koseritz tece críticas severas a eles, na medida em que não praticavam os valores da verdadeira germanidade.<sup>6</sup> O alvo preferido por Koseritz, no entanto, foi Jacobina Mentz Maurer. Para ele, Jacobina representava a demência religiosa que havia se instaurado na colônia, sendo responsabilizada pelos acontecimentos que assolavam a colônia.

---

<sup>6</sup> Lembramos que esta publicação ocorreu em meio às comemorações do 50º Jubileu da Cidade de São Leopoldo, que, segundo Koseritz, eram alusivas à *coragem alemã e pelo trabalho alemão*. Ainda como exemplo da exaltação da germanidade, Koseritz refere-se aos imigrantes e seus descendentes como portadores do *cerne operoso da natureza alemã* e de *natureza sábia da raça alemã*.

A Jacobina representada por ele é caracterizada por atributos bastante desqualificadores, como o de “mulherzinha doida” (VON KOSERITZ, 1875, p. 5). A desqualificação de Jacobina, no texto de Koseritz, fica bem evidente no emprego do diminutivo ‘*mulherzinha*’. Jacobina é descrita como uma desajustada socialmente e responsável por *atos macabros*. Para ele, se a população da colônia não tivesse vivido no desamparo religioso, Jacobina jamais teria alcançado o prestígio e a credibilidade que teve entre seus adeptos. Koseritz ressaltou, de forma irônica, sua inconformidade com o pensamento das autoridades religiosas que, segundo ele, logo iriam criticar suas opiniões. Koseritz procurou, ainda, tornar pública a origem familiar da líder dos Mucker, afirmando que todas as mulheres da família Mentz eram “mais ou menos levadas ao excesso e propensas ao entusiasmo religioso”, que teria levado Jacobina, desde cedo a prática de “exercícios religiosos permanentes – uma espécie de epidemia de reza” (VON KOSERITZ, 1875, p. 6).

Interessante observar que, ao inseri-la no seu grupo familiar, suas características psicológicas foram atribuídas a “certa tradição” das mulheres da família Mentz. A leitura e a interpretação da Bíblia teriam sido as causas do fanatismo e do seu excesso de devoção, que somados à sua compleição física e atributos, teriam a tornado uma desequilibrada. Segundo sua interpretação “às conseqüências dessa educação pode ter sido acrescida em Jacobina Maurer predisposição física a casos de histeria que, mais tarde, degenerou em sobreexcitação nervosa ligada a sintomas de sonambulismo” (VON KOSERITZ, 1875, p. 6) e continua sua exposição de forma categórica, expondo que “Jacobina Maurer tinha uma natureza desmesuradamente sensual que, afinal, degenerou em ninfomania formal” (VON KOSERITZ, 1875, p. 6), uma vez que para ele “só assim pode ser explicada a curiosa mistura de excessos sensuais e terríveis crueldades que conquistaram esta mulher no último estágio de sua vida notoriedade tão detestável” (VON KOSERITZ, 1875, p. 6).

Vale ressaltar que o fato de se tratar de uma mulher, aparece como um elemento desqualificador ao ser apontada como “mulherzinha”, de quem eram esperadas determinadas características psicológicas. A conduta da família Mentz e a educação familiar que recebiam os filhos, sobretudo

as filhas, aparecem como justificativas para o estado de *histeria* de Jacobina. Ainda, segundo Koseritz, Jacobina desempenhava o papel de guia espiritual e *acorrentava* as pessoas através da leitura e interpretação da Bíblia.

Na versão publicada em 1880, sob o título “Marpingen<sup>7</sup> und der Ferrabraz” (KOSERITZ, 1966), Jacobina é descrita por Koseritz como mensageira da palavra de Cristo. Para o autor, contudo, Jacobina não passava de uma enganadora, que se dizia proferir palavras divinas aos seus adeptos do Ferrabraz. A atitude de Jacobina foi associada ao ambiente rude e hostil - de pouca formação intelectual – e à ausência de amparo científico, que a privavam do conhecimento mínimo das leis que regem o universo. João Jorge Maurer, por sua vez, foi descrito neste artigo como “trapaceiro e vadio que, apesar de ignorante, provocara viver à custa da ignorância e estupidez de seus semelhantes” (KOSERITZ, 1966, p. 172)

Koseritz concluiu seu artigo enumerando os motivos que teriam levado à formação dos Mucker no Ferrabraz. Entre as razões apresentadas por ele se destacam “Superirritação de uma mulher sonâmbula, exploração sistemática de seu estado por trapaceiros movidos por interesses particulares; Fanatismo religioso que se desenvolvia entre os frequentadores da casa da sonâmbula, como doença contagiosa” (KOSERITZ, 1966, p. 173). Por último, Koseritz (1966, p. 173) aponta “a educação deficiente” da população de origem germânica como um dos principais motivos da crença em Jacobina.

No século XIX, as narrativas de Koseritz exerceram um papel de fundamental importância no processo de construção das representações de Jacobina, na medida em que, ao tornar pública sua interpretação sobre o conflito, Koseritz apresentou suas ideias como “a” versão dos fatos. É preciso considerar, antes de tudo, que Koseritz era tido como um intelectual em sua época e, portanto, autor respeitado por grande parte de seus leitores. De acordo com os estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2001), se pode afirmar que, em nosso caso, Koseritz estava devidamente “autorizado” pela comunidade a falar em nome do grupo. Com isso, suas ideias acabaram

---

<sup>7</sup> *Marpingen* é traduzido por Leopoldo Petry como sendo um lugarejo da Alemanha.

se sedimentando no imaginário social da população, especialmente por ter sido o primeiro a escrever sobre o conflito Mucker.

Concordando com a visão detratora dos Mucker apresentada por Koseritz, o padre jesuíta Ambrósio Schupp afirmou, em sua obra “Os Muckers” (SCHUPP, [s. d.]), que Jacobina e João Jorge Maurer eram os principais responsáveis pela formação do grupo, apresentando-os como “o casal misterioso do Ferrabrás [que] se deixou penetrar e possuir dessa convicção” (SCHUPP, [s. d.], p. 42), ao aliar a cura de doenças à prática religiosa. A obra publicada por Schupp foi, certamente, a grande responsável pela difusão do imaginário negativo em relação à Jacobina,<sup>8</sup> uma vez que se tratava da única obra existente até meados do século XX que tratava de forma específica o conflito do Ferrabraz.

Para o autor, o mistério envolvia os personagens João Jorge Maurer e Jacobina Mentz Maurer,<sup>9</sup> que não teriam outra pretensão senão a de enganar os colonos, com supostas curas milagrosas realizadas por Maurer através de palavras da Bíblia, proferidas por Jacobina. De forma semelhante a Koseritz, Schupp apresentou Jacobina como a principal responsável pelos acontecimentos do Ferrabraz que, segundo ele, teriam resultado do desamparo e da ignorância dos moradores da localidade. Nesse contexto de dificuldades, Jacobina desempenhou seu papel de líder religiosa, ao presidir cultos e ao ditar regras de convívio do grupo. Procurou também apresentar Jacobina como uma mulher dotada de capacidade limitada e praticante de atos criminosos, tais como no suposto assassinato de seu próprio filho (SCHUPP, [s. d.], p. 277), no momento em que estavam sendo perseguidos pelas forças oficiais em meio a mata fechada do Ferrabraz.

Schupp manteve a versão detratora iniciada com os artigos de Koseritz, ao ressaltar que Jacobina, ao final do conflito, teria sido descoberta ao lado de seu suposto amante. Na descrição de uma Jacobina totalmente

---

<sup>8</sup> Vale lembrar que a obra de Schupp circulava pela região nas versões em língua alemã e portuguesa, o que facilitava a leitura da obra por parte da população que morava na região do Vale do Sinos e seus arredores.

<sup>9</sup> Uma análise atenta de sua obra aponta para o entendimento do “lugar de enunciação”. Isto é, Schupp é padre da ordem dos jesuítas e, portanto, realiza sua investigação, a partir do olhar de religioso, representante da Igreja.

fora de si, percebe-se a intenção do autor de “explorar” o horror e o medo dos leitores: “Jacobina, toda escabelada, o olhar desvairado, precipita-se para fora da choupana. De um salto acha-se a seu lado Rodolfo, pronto a sacrificar a vida por ela. Com olhar de louco, bramindo como um tigre, parecia querer defendê-la de todos os lados, a um tempo” (SCHUPP, [s. d.], p. 299). Para Schupp, a população, outrora tão pacífica e sensata, estava sob a ameaça dos desatinos praticados por Jacobina, que teria aguçado seus sentimentos, provocando a reação dos colonos que, imediatamente, perceberam o “ridículo do conciliábulo fanático do Ferrabrás” (SCHUPP, [s. d.], p. 75) Em sua descrição do movimento, o autor identificou a existência de dois grupos na área colonial: os Mucker e os Ímpios. Os Mucker eram os representantes das ideias fanatizadas de Jacobina e os Ímpios eram os representantes dos bons costumes e da sensatez.

Segundo o jesuíta alemão, o fanatismo religioso e o desregramento das relações familiares foram consequências da doutrina imposta – por Jacobina – aos colonos do Ferrabraz. A falta de orientação e de esclarecimento tinha favorecido a adesão de alguns colonos, e Jacobina havia se aproveitado disso. Para fundamentar essa percepção, Schupp descreve a relação conturbada entre Jacobina e seu marido. De acordo com o jesuíta, João Jorge Maurer há muito não desempenhava o papel de marido, estando relegado a um segundo plano pela esposa. Como fator desencadeador da desunião do casal, o autor apresentou Rodolfo Sehn como um “obcecado pela paixão” (SCHUPP, [s. d.], p. 168) que nutria por Jacobina. O autor destacou ainda que Rodolfo Sehn havia deixado sua esposa para viver ao lado de Jacobina, sua verdadeira paixão. A partir dessa descrição, Schupp ampliou sua avaliação a todos que viviam no Ferrabraz.

Os esforços de Schupp para identificar Jacobina como a líder espiritual do grupo e responsável pelos atos criminosos praticados pelos Mucker tornaram-se perceptíveis no uso que faz de palavras e de frases de forte impacto, como podemos ver, nos trechos que destacamos. Nessa mesma linha interpretativa, Schupp destaca a atuação de Genuíno Sampaio, afirmando que essa se deu a partir do momento em que as atividades do

grupo liderado por Jacobina no Ferrabraz foram associadas a verdadeiros atos de barbárie. Como aponta em sua narrativa, o Ferrabraz havia se transformado num cenário de horror, no que se realizava, por iniciativa de Jacobina, uma “festa de sangue” (SCHUPP, [s. d.], p. 217), disseminando um ambiente de “orgia de sangue nas picadas” (SCHUPP, [s. d.], p. 221).

A partir da análise das representações difundidas pela obra do jesuíta na própria Colônia Alemã – uma vez que a obra foi publicada em alemão e português, o que facilitou a leitura por parte dos moradores da zona de imigração alemã – percebe-se, claramente, seus propósitos. Acionando um imaginário medieval que mesmo remoto, no tempo e no espaço, estava presente nos discursos religiosos: aquele que vinculava qualquer possibilidade de poder das mulheres a atos de magia ou bruxaria. Acreditamos que a internalização dessas representações, bastante negativas sobre Jacobina, desempenhou um papel pedagógico na formação dos *imaginários coletivos* (BACZKO, 1984), uma vez que a imagem difundida sobre Jacobina deveria servir de exemplo a não ser seguido pelas mulheres da Colônia Alemã.

Os escritos do padre foram tomados pela sociedade teuto-sul-rio-grandense como base para a legitimação das condutas que deveriam ser assumidas pelas mulheres, na qual a liderança e o papel de guia espiritual, jamais deveriam ser desempenhados pelas mulheres, que em sua opinião, não apresentavam condições psíquicas para tal. A exaltação de Jacobina, como exemplo a não ser seguido foi, sem dúvida, empregado no contexto das transformações econômicas e sociais da Colônia Alemã para promover a construção de um novo ideal de mulher – de origem germânica – mas alicerçada nos novos padrões de sociedade, na qual a industrialização e a urbanização, procuraram difundir uma representação sobre as mulheres, em especial sobre àquelas que ocupavam um lugar de destaque na nova sociedade pautada pelos valores burgueses, que se organizava no Vale dos Sinos.

A imagem da mulher que ultrapassou os *limites do espaço doméstico* (HABNER, 2012, p. 47) foi amplamente utilizada para representar a atuação da líder dos Mucker, que entrou no *mundo masculino* da política e da religião.

## As mulheres burguesas: a representação do *ideal da mulher teuto-sul-rio-grandense*

No outro polo da análise, dirigimos nossa atenção a construção do modelo *cultivado* da mulher teuto-rio-grandense no período. Ressaltamos que grande parte dos estudos sobre imigração procurou analisar a sociedade de imigrantes e seus descendentes como sendo *homogênea*, assim como o fazem em relação à produção e a aceitação dos valores culturais entre seus membros (GERTZ, 1991). Aqui, entretanto, buscamos identificar algumas diferenças no interior do grupo teuto, em especial sobre aquelas que dizem respeito aos papéis assumidos pelos gêneros masculino e feminino, como vimos esse grupo também não se constitui num bloco homogêneo, mas traz, no seu interior, outros princípios de divisão, como religião cultura ou classe social, que de acordo com Bourdieu (1989), demonstram diferentes *componentes identitários*.

Para estudarmos a construção deste processo de distinção recorreremos fundamentalmente ao estudo de uma escola feminina alemã em regime de internato, que funcionava desde o final do século XIX na localidade de *Hamburque-Berg*,<sup>10</sup> com o nome de *Evangelisches Stift* (Fundação Evangélica). Detemos-nos na documentação do período entre 1886 e 1927.<sup>11</sup> As fontes relativas a esta Instituição revelaram, no que diz respeito ao seu público alvo, uma figura feminina diferente daquela caracterizada como “colona”, na bibliografia clássica sobre imigração alemã, bem como das representações de Jacobina Mentz, construídas nas obras de Schupp e nos artigos de Koseritz. As alunas não pertenciam apenas ao grupo étnico dos alemães na sociedade sul-rio-grandense, mas também, a um grupo que se distinguia, sobretudo, pela sua posição social.

---

<sup>10</sup> *Hamburque-Berg*, posteriormente denominado Hamburgo Velho, foi a localidade onde se iniciou a povoação que deu origem ao município de Novo Hamburgo, instituído, como tal em 1927.

<sup>11</sup> A delimitação deste período articula-se ao processo histórico da própria escola. O ano inicial refere-se a institucionalização da Escola como uma escola da Igreja Luterana e o final refere-se a uma reorientação na prática pedagógica e no corpo docente da escola, dando início a uma nova fase, com características distintas

É sabido que no processo de construção das distinções, um importante papel coube ao sistema educacional, que teve um importante papel na produção/reprodução de valores e comportamentos sociais, especialmente àqueles veiculados pela sociedade burguesa, conforme nos informa Bourdieu (1989), quando, a partir de seus estudos sobre sistema educacional francês, aponta para a posição central do sistema de ensino na reprodução de práticas e representações que legitimam as diferenças sociais. Também Foucault (1987), embora partindo de perspectiva distinta – os mecanismos de produção e reprodução da sociedade –, enfatiza o sistema educacional como lócus privilegiado para estas práticas, que, em última análise, moldam determinados comportamentos, neste caso de um grupo específico exposto a estas práticas.

A escola estudada forneceu um rico material para o conhecimento do grupo, que aqui denominamos de burguês,<sup>12</sup> composto pelas camadas médias e altas da sociedade teuto-brasileira, bem como dos mecanismos de produção e reprodução dos componentes de distinção. O ponto de partida para este entendimento, encontramos na própria documentação da escola, no parecer do Pastor Braunschweig, quando este estava em visita a *Evangelisches Stift* em 1907, ou seja, “trata-se de um pensionato para moças das melhores famílias”.<sup>13</sup>

Os critérios de distinção tornavam-se mais importantes na medida em que o outro, do qual se pretendia diferenciar, partilhava de alguns aspectos em comum, como a etnicidade e neste caso o gênero. Entretanto, foi exatamente no reforço destes elementos específicos, que se concentraram os critérios da diferenciação quando, como veremos mais adiante, o componente étnico mais evidente como a língua, tornou-se um fator de distinção por excelência, ao separar a moça “educada” que falava o alemão gramatical daquela “colona” que falava o dialeto; ou ainda a diferença entre

---

<sup>12</sup> A delimitação deste período articula-se ao processo histórico da própria escola. O ano inicial refere-se à institucionalização da Escola como uma escola da Igreja Luterana e o final refere-se a uma reorientação na prática pedagógica e no corpo docente da escola, dando início a uma nova fase, com características distintas.

<sup>13</sup> Relatório da Viagem do Pastor Braunschweig. *Evangelisches Zentralarchiv* in Berlin. Kirchliches Auenamt, 1910. Band 2247. Fiche:4398. Original alemão. Tradução livre.

a alemã que realizava trabalhos domésticos para o seu sustento e aquela que aprendia técnicas domésticas na escola, para administrar a casa, ou seja, *dirigir* os trabalhos domésticos.

O desenvolvimento econômico da região no final do século XIX fez surgir um grupo econômico e socialmente diferenciado no interior da sociedade teuto-sul-rio-grandense. Este passou, cada vez mais, a ocupar posições distintas na estratificação social. Algumas camadas desta sociedade buscavam a aquisição de status acentuando os aspectos simbólicos do grupo que pudessem defini-lo muito mais pelo seu *ser* do que pelo seu *ter*. Esta busca de status pode ser inferida das palavras de ROCHE (1969), quando analisou as mudanças de comportamento em parte da sociedade teuto-sul-rio-grandense, a partir da segunda metade do século. Ao se referir aos comerciantes, ele diz que eles foram separando-se cada vez mais dos camponeses para formarem uma *classe*. Para ele, a distinção social dos teutos se processava em oposição ao *colono*, associando, dessa forma, a questão social à dicotomia urbano-rural.

A partir da teoria proposta por BOURDIEU (1989), observamos que se duplicam as diferenças propriamente econômicas. Dessa forma, algumas práticas sociais podem ser consideradas como distintivas, obtendo tanto mais prestígio quanto mais claramente simbolizarem a posição dos agentes na estrutura social. Nesse processo de construção das distinções sociais, um importante papel coube ao sistema educacional, na medida em que, em decorrência do desenvolvimento econômico, político e ideológico dominante na sociedade sul-rio-grandense, em especial na teuto-brasileira, surgiram escolas diferenciadas (TESCHE, 2012) para atender grupos sociais distintos.

Considerando o grupo étnico em questão, estas diferenças estabeleciam-se entre as escolas comunitárias, destinadas exclusivamente ao ensino elementar e dirigidas, principalmente à população rural, isto é, aos *colonos* e às mais avançadas - educandários de aperfeiçoamento - nos quais os teuto-brasileiros recebiam uma educação diferenciada. Estas últimas situavam-se geralmente nos núcleos urbanos e destinavam-se apenas a uma fração do grupo, que poderia prolongar a educação dos filhos e arcar com os custos elevados deste ensino.

A partir da análise das fontes podemos observar que a *Evangelisches Stift* buscou diferenciar-se pela qualificação de seu ensino e corpo docente, porém a busca de aprimoramento não levava em consideração elementos étnicos ou religiosos, mas sim, sociais e culturais identificados com a posição social do público que a escola pretendia atingir, ou seja, as moças das *melhores famílias*. Podemos citar como exemplo, a família Ludwig, sendo o seu patriarca, Sr. Guilherme Ludwig, apontado em uma publicação destinada a divulgação da indústria rio-grandense da época, como sendo “[...] o mais importante industrialista do Estado, na sua especialidade [...]” (MONTE DOMEQ, 1918, p. 255).

A *Evangelisches Stift* esteve inserida na realidade educacional brasileira da Primeira República, sendo que a educação feminina seguia o que acontecia no sistema educacional brasileiro como um todo, ou seja, um sistema excludente cujo acesso à educação secundária e superior era, de um modo geral, acessível somente a uma pequena parcela da população. No Rio Grande do Sul, por muito tempo, a única opção neste sentido era a escola Normal ou complementar em Porto Alegre que, porém, tinha um inconveniente para a população de origem alemã: era preciso dominar o idioma português. Assim, para as moças evangélicas, de origem alemã, a única opção era a *Evangelisches Stift*.

Essas escolas, como já mencionado, tinham como alvo as filhas das famílias abastadas, sendo sua educação parte do processo de *aburguesamento*<sup>14</sup> pelo qual passava a sociedade de então, onde se difundiam novos valores e estilos de vida inerentes àquela classe social específica. Neste movimento reforçaram-se os papéis historicamente atribuídos às mulheres do mundo judaico-cristão, - de mãe responsável pela formação dos filhos e pela moralidade do lar – e o pleno exercício dos mesmos, passaria a representar, cada vez mais, o status da família. Para exercê-los, no entanto, era preciso prepará-las.

A análise do currículo do curso ministrado na *Evangelisches Stift* e das técnicas disciplinares que orientavam o funcionamento da escola nos

---

<sup>14</sup> Referimo-nos aqui, a um conjunto de valores relativos a denominada burguesia europeia do século XIX, que se espalhou pelo mundo ocidental a partir de final daquele século.

possibilitou identificar esta formação *burguesa* recebida por suas alunas. Lembramos que à época, não havia qualquer exigência por parte dos órgãos públicos com relação ao currículo dos cursos das escolas particulares, elas tinham total liberdade para sua definição. Tendo por base os anos de 1897, 1915 e 1920, observamos algumas modificações ao longo dos anos, em especial nas últimas séries do curso. As mais significativas foram: o aumento da carga horária na matéria de Português, ao qual correspondeu uma redução do número das aulas de alemão e um substancial acréscimo das aulas de Trabalhos Manuais e Música.

Este aumento progressivo no ensino de português está diretamente vinculado ao público-alvo da escola, ou seja, uma elite social feminina *teuto-rio-grandense*, que pretendia sua integração a vida social urbana do Estado, na qual o português ocupava o topo na hierarquia linguística. Nesse sentido, Willems (1980, p. 229) salienta que “muitos pais sacrificavam os seus escrúpulos étnicos e religiosos à carreira dos filhos, optando deliberadamente pelo bilinguismo”. O interesse pelo idioma nacional por estes setores da sociedade decorria, em parte, do reconhecimento do português como língua oficial do país, do qual eram cidadãos, mesmo pertencendo à nacionalidade alemã. Para BOURDIEU (1996), a língua oficial domina o que ele chama de mercado linguístico unificado pelo Estado, sendo o seu uso obrigatório em ocasiões e espaços oficiais. Assim sendo, cidadãos brasileiros os descendentes de alemães teriam que dominá-lo. Por outro lado, os alemães defendiam a ideia do *teuto-brasileiro*, ou seja, a cidadania brasileira não inviabilizava a nacionalidade alemã. Assim eles se consideravam alemães e cidadãos brasileiros. Este posicionamento decorre da ideologia de que o conteúdo étnico é dado pelo direito de sangue. Assim, “[...] a categoria de identificação assume um duplo aspecto: um étnico (ou nacional), que implica numa série de características raciais e culturais; o outro de ordem política [...] vincula o indivíduo ao Estado brasileiro” (SEYFERTH, 1989, p. 99).

Seguindo esta lógica, o ensino de alemão no *Evanhgelisches Stift* adquiriu um sentido predominantemente étnico cultural. O alemão era a *língua do coração*, pela qual se transmitia os valores contidos no *Deutschtum*.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> O *Deutschtum* ou germanidade agrupa um conjunto de valores alemães. De acordo

Somente através dela se alcançava o verdadeiro *espírito alemão*.<sup>16</sup> Assim, seu uso era obrigatório nas situações cotidianas. Fora do horário das aulas exigia-se que as internas falassem somente o alemão, valorizando o caráter afetivo e espiritual da língua. Essas diferenças entre o *Hochdeutsch*,<sup>17</sup> ministrado na escola, e os diferentes dialetos, falados pelos colonos, servem de outro argumento para demonstrar que a língua alemã, enquanto componente da identidade étnica, também apresentava divisões que expressavam a hierarquia social existente na sociedade *teuto-sul-riograndense*. No contexto da sociedade *teuto-sul-riograndense*, as escolas eram fundamentais para difusão, ainda que restrita, desta linguagem, o *Hochdeutsch*.

Como as escolas que ultrapassavam o nível básico pressupunham um tempo maior de dedicação ao conhecimento do idioma e um período mais prolongado de exposição a esta linguagem, o seu aprendizado na *Evangelisches Stift* adquiriu, também, um sentido de distinção social, na medida em que o uso efetivo da língua *padrão* diferenciava suas alunas daqueles que não dominavam tal linguagem. Em relação a este aspecto, a escola promovia um extensivo controle, não recomendando o contato das alunas com os empregados da escola, que falavam, na sua maioria, o dialeto ou uma linguagem híbrida entre o português e o alemão.

A fim de complementar nossa argumentação nesse sentido, citamos um trecho de um manual de boas maneiras, publicado em alemão, datado de 1897, mas que circulou na *Evangelisches Stift* no período estudado: “Não deve-se acostumar com dialetos. Com os criados não se deve falar de uma forma mais simples e sim mostrar uma boa linguagem. Uma forma concisa de se expressar é o caminho que a linguagem está tomando” (KALLMANN, 1897, p. 43). Também as disciplinas de Trabalhos Manuais, Música, Línguas

---

com Gans (1996, p. 74), este “[...] englobava a língua, a cultura, o *geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que estava relacionado a ela, mas como nação e não como Estado”. Este conceito se liga a ideia de que a nacionalidade é herdada, produto de um desenvolvimento físico, espiritual e moral: um alemão era sempre alemão, ainda que tivesse nascido em outro país”.

<sup>16</sup> O *espírito alemão* sintetiza tudo que é essencialmente alemão em termos culturais, envolvendo a filosofia, a arte, a religião, a língua, a ciência, etc.

<sup>17</sup> Termo utilizado para definir o alto alemão, ou alemão gramatical.

e Conhecimentos Gerais, todas com ampla carga horária, demonstraram ter sido, a *Evangelisches Stift*, uma Instituição onde vigorou o modelo de educação feminina, tipicamente burguês, vigente no país naquele período. Trabalhos Manuais era a disciplina de maior carga horária do currículo entre os anos de 1897 a 1920, com 12 a 17 horas semanais, quando se ensinavam “[...] todas as sortes de trabalhos singelos e artificiais feitos à agulha, tais são: crochet, frivolidé, crivo, renda irlandesa, costuras, bordados a ouro, a seda em branco, em étamine, em filó e pontos de malha”.<sup>18</sup>

As aulas incluíam conteúdos como a organização da casa, cozinha, pintura em tela e jardinagem. Esta última mereceu sempre um destaque especial, refletindo o valor que lhe fora atribuído pela burguesia europeia do século XIX, onde o jardim se tornou um elemento fundamental da vida burguesa. Também os trabalhos de pintura em tela refletiam um modo de vida essencialmente burguês, marcado por atividades que podiam ser definidas como passatempos, no sentido literal do termo, ou seja, maneiras de ocupar o tempo livre. Além disso, *o cuidado com o quarto* (PERROT, 2011) também era um elemento fundamental, que demonstrava a preocupação com a organização e o recato pessoal.

Fruto da condenação do ócio pela burguesia, uma boa dona de casa deveria manter-se sempre ocupada. Os trabalhos manuais, nesse sentido, constituíam-se na melhor maneira de ocupar as horas nas quais não mais precisaria realizar o trabalho doméstico. Este, agora, deveria ser executado por uma empregada. “[...] onde não tinha mais nada para fazer a mulher pegava o bordado. Pois, uma mulher caprichosa, nunca se entrega ao ócio” (RENAUX, 1995, p. 163). Sobre essa visão das *mulheres da elite brasileira* no século XIX, Habner (2012, p. 47), comenta que na realidade elas tinham muito mais a fazer no seu cotidiano, supervisionando todas as atividades da casa, desde a produção de roupas, alimentos e utensílios domésticos.

Da mesma forma, o ensino de línguas estrangeiras, música, desenho e conhecimentos gerais; disciplinas que compunham o currículo da *Evangelisches Stift* caracterizavam a educação da moça burguesa. Tais habilidades, diferentemente daquelas domésticas, remetem, também, à

---

<sup>18</sup> Prospecto da *Evangelisches Stift*. Novo Hamburgo: [s. n.], 1904 (IENH).

maior *sociabilidade* (ELIAS, 2001) dessa mulher, e um importante capital para realização de um bom casamento.

O desenvolvimento econômico da zona colonial alemã trouxe um incremento da vida social e cultural praticada principalmente nos clubes, onde os sócios reuniam-se para dançar, assistir uma peça de teatro, praticar esportes. A frequência a esses lugares requeria um tipo de comportamento adequado, principalmente das mulheres. Nos encontros, um mínimo de conhecimentos tornava-se necessário para desenvolver uma conversa e, talvez, impressionar um futuro pretendente. O gênero feminino tornara-se, desse modo, representante do status da família, da mesma forma que na Europa do século XIX, onde, excluídas de qualquer participação nos negócios e na vida pública, elas “[...] reinavam no privado pelo sistema da etiqueta, das regras da “sociedade” e da “temporada” [...]. Dirigiam a “sociedade” e eram suas guardiãs” (HALL, 1994, p. 85).

A *formação das moças* (PINSKY, 2012, p. 473-474) na *Evangelisches Stift* não se deu somente através dos conteúdos curriculares. Em regime de internato, a escola mantinha as meninas sob vigilância constante, exigindo o máximo de ordem e disciplina, com o intuito de moldá-las para o adequado cumprimento de seu papel social. Os movimentos das alunas eram controlados a partir da total ocupação do espaço e do tempo. As horas do dia eram cuidadosamente planejadas, inclusive as destinadas ao lazer. Da mesma forma, os espaços da escola eram ocupados de acordo um regulamento bastante rígido. Esta estratégia, segundo FOUCAULT (1987) satisfaz não só a necessidade de vigiar, mas também de criar um espaço útil, como podemos ver no Regimento Interno da *Evanbelisches Stift*:

As pensionistas levantam às 5:30 horas da manhã, depois de terem rezado. Vestem-se silenciosamente, sem rir nem conversar. Fazem sua toailete na sala de banho. As 6:00 horas a toailete deve estar concluída. As meninas dirigem-se então para baixo ao salão de estudos, onde em silêncio e diligentemente ocupam-se com seus temas e estudos.

Às 7:00 horas toca a sineta para o café. As alunas atenderão imediatamente o sinal. As cadeiras serão postas sem ruído no lugar de cada uma, e os livros

são colocados para o lado. Após o café será feita uma curta meditação coletiva. Às 8:00 horas toca o sino para reunião nas salas de aula, e 5 minutos após toca novamente para o início do ensino. Durante a aula bem como nos intervalos espera-se das alunas um comportamento exemplar. Às 12:00 horas haverá o almoço. Durante o mesmo não se conversa, e levanta-se só com autorização.

Às 14:00 horas começam as aulas de trabalhos manuais, que se estendem até o anoitecer. Algumas vezes, na semana, podem ocorrer aulas das 5:00 às 6:00. Depois da janta as alunas fazem suas tarefas escolares. Às 9:00 todas vão para cama.

A música e aulas facultativas tem lugar durante o espaço de trabalhos manuais.

Espera-se das alunas que se esforcem o máximo para manter a ordem, não só no dormitório como em qualquer outra sala onde nada deve ser depositado. Aparas de papel, casca de frutas, etc., não devem ser jogadas no chão ou no telhado. No corredor e nas escadas ninguém deve ficar parado.

No dormitório não se irá durante o dia sem permissão. Sem autorização da diretora nenhuma aluna pode sair, como também não se darão nem receberão recados ou encomendas. As meio-pensionistas não assumirão encargos de qualquer tipo de pensionistas.

As pensionistas só se presentearão entre si com autorização dos responsáveis.

Toda correspondência recebida e enviada será trazida à leitura das professoras. A professora fechará o envelope das cartas remetidas.

As educandas, enquanto no instituto, não praticarão jogos abertos ou de bola.

Durante o inverno serão usados vestidos quentes e escuros. As pensionistas podem receber visitas em dias determinados e com autorização dos responsáveis.

Alunas enfermas podem ser visitadas somente com autorização da responsável.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> *Jahresbericht des Evangelisches Stiffts – Töchterpensionat – zu Hamburgerberg*. São Leopoldo: Rotermond, 1897.

Paralelo ao exercício da disciplina funcionava um conjunto de penalidades que atingia toda a vida escolar. No relatório anual da escola de 1915, no item *Hausordnung* (ordem da casa), podemos ler:

Objetos encontrados são devolvidos por 5 vinténs cobrados pela desordem. [...] Por manchas na toalha de mesa são pagos 100 réis. Cada aluna deve cuidar de maneira especial a ordem, a limpeza e o comportamento cortês. Desobediência e comportamento descortês podem ter como conseqüência a demissão da Stift [...].<sup>20</sup>

Esta disciplina rígida não apenas era aceita pelos pais das alunas como fazia parte das suas aspirações em relação a escola. Filhas habilidosas e dóceis, submissas aos pais e maridos, mas com uma certa cultura, eram um orgulho para a família e, muitas vezes, a garantia de um bom casamento. As práticas disciplinares objetivavam, ainda, a formação moral das alunas nos moldes burgueses, em especial aqueles ligados a sexualidade, manifesto nos *cuidados com o corpo*. Esses cuidados figuravam nos objetivos da escola, descritos no prospecto de 1904: “O Pensionato de Moças *Evangelisches Stift*” em *Hamburger Berg* tem por objetivo [...] garantir-lhes um cuidado responsável nas horas livres e garantir-lhes um culto sadio do corpo”.<sup>21</sup>

Esta preocupação com o corpo e uma sexualidade sadia resultaram num processo crescente de higienização da sociedade ocidental, que visava em última análise, a produção de um corpo social sadio e disciplinado. Os colégios, especialmente os internatos, tiveram um importante papel na transmissão destes ideais. Uma das formas de disciplinamento era através de aulas de ginástica, cuja finalidade foi destacada, em 1909, pela diretora da escola, na seguinte passagem: “Uma das professoras que será enviada de lá (Alemanha), deverá ter um curso de ginástica. Exercícios esportivos e ginástica no clima deste país permitem movimentos eficientes e necessários”.<sup>22</sup> A aparência de

---

<sup>20</sup> Jahresberich des *Evangelisches Stifts* (töchterpensionat) zu *Hamburgerberg*. Weihnacht, 1915. [IENH]. Tradução Livre.

<sup>21</sup> Prospecto da *Evangelisches Stift*. Novo Hamburgo: [s. n.], 1904 (IENH).

<sup>22</sup> Correspondência da diretora da *Evangelisches Stift*. Evangelisches Zentralarchiv in Berlin. Ev. Gesellschaft für die prot. Deutschem in Amerika. 1909. Band. 66. Fiche:85. Tradução Livre.

um corpo higiênico e saudável era reforçado pelo cuidado com o vestuário, impecavelmente limpo e bem cuidado. A extensa lista do enxoval das internas nos dá mostras da atenção dada pela escola a este aspecto, principalmente em relação as peças íntimas, exigidas em grande quantidade.

A higiene, como forma de regulação da sexualidade das alunas estava presente, também, na arquitetura do prédio e na distribuição dos espaços. Os dormitórios conjuntos facilitavam a vigilância individual, estando a aluna sempre sob a mira de algum olhar que controlava, dessa forma, a sexualidade das meninas. Afinal, estando elas sozinhas, elas poderiam “cair em tentação” (COSTA, 1983). Além disso, esses corpos higiênicos, bem vestidos e calçados, diferenciavam-se daqueles das *colonas*, cujo trabalho duro - na roça, no estábulo, na cozinha - eram incompatíveis em essa imagem imaculada. Da mesma forma, os movimentos uniformes desenvolvidos nas aulas de ginástica, de pouco serviam para a realização das tarefas diárias da *colona*, mais compatíveis com aquele universo cultural vivenciado por Jacobina Mentz.

### Considerações finais

A partir desse estudo, nos parece clara a representação do ideal de mulher presente na zona de imigração alemã no Rio Grande do Sul, no final do século XIX. Essa teve como contraponto a imagem de Jacobina – mulher colona e de origem alemã que viveu no contexto do século XIX – como responsável pelas atrocidades cometidas pelos Mucker e, portanto, que deveria servir de exemplo a não ser seguido pelas mulheres da Colônia. Enfatizamos que nossa intenção não foi a de julgar, mas sim a de compreender como se deram as construções narrativas de que foram alvo essas mulheres, inserindo-as em seu contexto de produção.

Partimos da hipótese de que a *Evangelisches Stift*, desde a sua fundação, em 1895, até fins da Primeira República, quando passou por uma reorientação em suas propostas pedagógicas, atuou de forma integrada aos interesses de uma *burguesia* teuto-sul-rio-grandense. Os dados de identificação da escola, ou seja, uma instituição feminina, de ensino pós-elementar, particular, de

caráter confessional e funcionando em regime de internato, estavam em perfeita sintonia com a realidade educacional do Brasil e, em especial, do Rio Grande do Sul, que, à época da República Positivista, apregoava a necessidade de formação de uma elite dirigente modernizadora para o país.

Etnia e religião, aliados ao gênero, foram as propriedades evidentes da escola. No *Evangelisches Stift*, etnia e religião apresentaram-se como um todo indissociável, refletindo os objetivos da Igreja Evangélica Alemã, que, por sua vez, vinculavam-se aos interesses nacionalistas daquele país. O germanismo foi conscientemente cultivado e estimulado por órgãos representativos da Igreja, os quais se fizeram presentes, na escola, durante todo o período analisado, principalmente por meio do controle de professoras e diretoras por eles enviadas. A relação entre as propriedades étnicas e religiosas permeou todo o sistema escolar que serviu à comunidade teuto-sul-rio-grandense no período analisado.

A formação dessas meninas visou, em última análise, ao cumprimento dos papéis que lhes eram destinados pela sociedade, ou seja, mãe, esposa, responsável pela moralidade e pelo status da família. Para viabilizar essa formação, a escola utilizou-se de um rigoroso mecanismo de disciplina, destinado a moldar o comportamento de suas alunas de acordo com os preceitos da sociedade burguesa. Como tal, a escola foi, fundamentalmente, destinada a produzir e reproduzir valores burgueses a um grupo da sociedade teuto-sul-rio-grandense, na qual a imagem de Jacobina – a líder dos Mucker – precisava se manter cada vez mais distante e apagada da memória coletiva da sociedade que se organizava nas primeiras décadas do século XX.

## Referências

- AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos ‘Mucker’*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- BACZKO, Bronislaw. *Los imaginários sociales: memórias e esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.
- BONOW, Imgart. G. *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Nascimento da prisão. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade*. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. Universidade; UFRGS, 1991,
- GEVEHR, Daniel Luciano. *Pelos Caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos (res)significados*. Tese (Doutorado em História) - PPGH, UNISINOS, São Leopoldo, 2007.
- HABNER, June E. Mulheres da Elite: honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Maria Joana (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 43-64.
- HALL, Catherine. Swett home. In: PERROT, M. (Org.). *A História da vida privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. v. 4.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública*. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- KALLMANN, Emma. *Der Gute Ton Handbuch de feinen lebensart und guten sitte*. Berlin SW 12: Hugo Steinitz Derlag, 1897.
- LOURO, Guacira L. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: UFRGS, 1987.
- MAGALHÃES, Marionilde D. B. *Alemanha, mãe-pátria distante: Utopia pan-germanista no sul do Brasil*. Tese (Doutorado) - Universidade de Campinas, Campinas, 1993.
- RENAUX, Maria Luiza. *O papel da mulher no vale do Itajaí: 1850-1950*. Blumenau: FURB, 1995.
- MONTE DOMEQ, O. *Rio Grande do Sul Colonial*. Barcelona: Ed. Thomas, 1918.
- PEDRO, Joana M. Mulheres do sul. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 278-321.

- PERROT, Michelle. *História dos quartos*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- \_\_\_\_\_. *As mulheres ou os silêncios na história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- PESAVENTO, Sandra J. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- PETRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). *A Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2v.
- SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, [s. d.].
- SEYFERTH, Giralda. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. In.: CARVALHO, M. R. G. (Org.). *Identidade étnica, mobilização política e cidadania*. Salvador: UFBA; Empresa Gráfica da Bahia, 1989.
- TESCHE, Leomar. A construção e a organização escolar das escolas teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul. In: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane M.; WEBER, Roswithia (Org.). *Imigração: diálogos e novas abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 325-331.
- VON KOSERITZ, Carlos. *A Fraude Mucker na Colônia Alemã*. Uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui. rad. de Martin Dreher. Koseritz Kalender, 1875.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1980.